

SRI RAMAKRISHNA E A CONSCIÊNCIA DE DEUS

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – fevereiro de 1963²

Esta é uma era da ciência, quando as pessoas duvidam até da própria veracidade da existência de Deus. Embora os cientistas avançados não sejam tão dogmáticos em suas opiniões agora, a maioria das pessoas pensa que a matéria é suficiente para a existência do universo. A ciência lhes fornece seus requisitos de comércio, transporte, luxo e outras coisas. Por pesquisas no campo de saúde e higiênico, a ciência conseguiu estender o tempo da vida do homem. Uma vida longa e feliz é o que a maioria das pessoas deseja, e para isso elas têm a ciência e seus métodos. Onde então está a necessidade de um Deus, a quem ninguém pode ver mesmo viajando em cápsulas espaciais? Ele não é visível aos nossos olhos, nem percebido por nossos sentidos; como então um homem limitado pelos sentidos pode acreditar n'Ele? Assim, ele O nega completamente.

Alguns outros não vão tão longe, eles pensam: 'Deixe estar se Ele existe; Ele não pode nos fazer bem nem mal, então não temos necessidade d'Ele. Não precisamos nos preocupar com Ele.' Ainda outros oscilam entre crença e descrença. Eles às vezes são muito esperançosos e certos de que Ele existe; e isso é quando tudo acontece a seu favor, ao seu gosto, mas em outras vezes, quando são frustrados em seus desejos, sua crença se rompe como um fio desgastado. A maioria dos crentes é desse último tipo. Não é ruim também. Pois, é melhor do que o materialismo absoluto. Mas não se deve parar com essa crença. A religião não deve terminar em mero serviço de lábios, rituais ou busca de utilidade. Swami Vivekananda costumava dizer: 'É bom nascer em uma igreja, mas não morrer nela'. O homem não é homem a menos que evolua para a maturidade espiritual. Outros são meros bebês que se satisfazem com os enfeites deste mundo. Eles estão felizes com esses 'brinquedos vermelhos'. A menos que se cansem dessas pequenas brincadeiras, eles não ouvirão. Na linguagem de Sri Ramakrishna,

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>

² Do original em inglês, *Sri Ramakrishna and God-Consciousness*.

eles marcaram três, quatro ou cinco pontos e ainda estão no jogo. Em resumo, os homens em geral, mesmo que sejam eruditos, são apenas conscientes da matéria.

Muito raras são as almas que desejam ser conscientes de Deus; que têm fome de Deus. Sri Krishna expressa a mesma opinião no *Gita*: 'Um entre milhares tenta pela perfeição e um entre aqueles que tentam, Me conhece verdadeiramente, na perspectiva adequada.'³ Sri Ramakrishna costumava comentar frequentemente com grande *pathos*: 'Quem quer Deus? As pessoas derramam jarros de lágrimas pela esposa, filhos, propriedade e riqueza; mas quem chora por Deus?'

A natureza no mundo físico tem uma maneira de se ajustar. Uma depressão em um certo lugar na atmosfera, devido ao calor extremo, imediatamente provoca uma ventania, uma tempestade. É a maneira da natureza de preencher a lacuna. Um fenômeno semelhante notamos na vida do homem. Ele tem um terrível medo do desequilíbrio de poder e luta muito para mantê-lo; pois dele depende sua existência física. Todos os conflitos que vemos no mundo hoje são devidos a esse medo do desequilíbrio. Agora, o que acontece no mundo físico, também pode ser atribuído a se repetir no mundo espiritual. Assim, quando o agnosticismo atingiu seu pico, atingiu o teto, por assim dizer, e o equilíbrio foi perturbado na atmosfera espiritual, alguém era necessário que pudesse restaurar o equilíbrio; que pudesse demonstrar que a matéria sozinha, sem o espírito por trás dela, era impotente como o corpo sem vida; que pudesse mostrar que Deus era a unidade essencial de toda existência, que Deus era uma verdade verificável e não a mera fantasia de cérebros febris.

Sri Ramakrishna veio a nós para apontar isso. Ele era a encarnação da consciência de Deus. Quando revisamos os eventos de sua vida, encontramos um fio de Supraconsciência percorrendo todos eles sem interrupção. Seu nascimento em si parece indicar essa característica nele. Vamos recordar o evento. O bebê nasceu. A mulher que atendia a mãe, depois de algum tempo, virou-se para procurar o bebê. Mas ele não estava onde ela o deixara. Ele havia deslizado para a lareira oca próxima e foi visto coberto de cinzas. No entanto, não emitiu nenhum choro. Foi um prelúdio para a vida futura da criança de silenciosa, mas intensa renúncia? Observando os eventos posteriores, somos compelidos a supor que sim. Como isso indica renúncia? As cinzas para o hindu têm um significado duplo. Elas são sagradas para ele, pois são o ornamento do Senhor Shiva. Adornado com elas, Ele é visualizado sentado absorvido em meditação no Monte *Kailas*. Em segundo lugar, aponta para o fim último do homem. O que resta do homem quando ele morre e é cremado, senão um punhado de cinzas? Todas as suas ambições, enormes aspirações, desejos sempre recorrentes — nenhum destes pode detê-lo da boca da morte, não, eles o empurram repetidamente em sua boca. Isso é o que o *Upanisad* diz: 'O outro mundo (o Supremo)

³ Bhagavad Gita, 7.3.

não brilha para as mentes infantis (os que não discriminam), que estão absortos em apegos mundanos, e são iludidos pela riqueza; que negam a existência de um mundo superior, e acreditam que isto é tudo que existe. Tais pessoas caem sob Meu (da Morte) domínio repetidamente.⁴ Assim, pede-se a alguém que faça uma oferenda de seus desejos acendendo o fogo do conhecimento para ser livre da morte, o que significa ser livre também do nascimento. 'Como um fogo ardente reduz a cinzas toda a madeira que é colocada nele, o fogo do conhecimento queima todas as atividades,'⁵ diz o *Gita*. Aqui a criança (Sri Ramakrishna) está, como se estivesse imersa em seu próprio Ser, inconsciente dos arredores, mostrando seu desapego às coisas mundanas e sua perfeição desde o nascimento.

Mais tarde, como um menino, seu esporte e passatempo eram encenar os incidentes da vida de Sri Krishna. O bosque solitário de mangas de Manick Raja era o local desses esportes; com alguns amigos de sua idade ele se retirava para este lugar e reencenava o que ouvia dos cantores errantes e via nas performances dramáticas sobre essas vidas divinas. Moldar as imagens de Deuses e Deusas e brincar de adorá-las era outro de seus passatempos.

Outra coisa, que era condizente com sua natureza, era fazer tarefas ocasionais para os monges errantes, que ficavam no albergue da vila e ouvir suas conversas sobre Deus. Conforme os dias passavam, ele passou a vagar sozinho pelos crematórios da vila e era visto passar horas em solidão. Esta última característica se desenvolveu nele gradualmente após a morte de seu pai. Que visões ele teve e que revelações vieram a ele, ninguém pode dizer. Sua mente deve ter estado em profunda comunhão com a natureza e seu Criador. Pois, ele é visto depois disso emergir com convicções definidas sobre a maneira como conduziria a si mesmo no mundo. Lembramo-nos da história dos *Upanishads* de Satyakama Jabala, que viveu em harmonia com a natureza por vários anos e ao final do período veio a ter o Conhecimento mais elevado, sendo ensinado por um touro, o fogo e os dois pássaros. A exortação de Sri Ramakrishna até mesmo a seus discípulos leigos para irem para a solitude, pelo menos ocasionalmente, é de particular significado. Ele viveu por anos e anos tal vida e sabia o valor dela.

Já aos sete anos de idade, ele teve o primeiro voo de sua alma para o Desconhecido. E como isso ocorreu? Um dia, quando ele estava nos campos com um punhado de arroz inflado em uma cesta, seus olhos caíram sobre um voo de garças brancas como neve contra algumas nuvens sombrias; o contraste e o pitoresco disso envolveram tanto o menino que ele perdeu toda a consciência exterior. Ele foi levado naquela condição para casa. Embora os pais tenham ficado ansiosos, observou-se que o êxtase não teve efeito adverso no menino. O menino mesmo relatou mais tarde a seus amigos e pais que desfrutou de uma felicidade interior única naquele tempo.

⁴ Katha Up. 2.6.

⁵ Gita, 4.37.

Talvez, para sua mente pura, a beleza da cena deu uma sugestão dos reinos do Belo; levantou o véu do rosto da Realidade, o Senhor, que é descrito nas escrituras como Verdade, Bem-aventurança e Beleza. Mesmo nesta idade, sua absorção na contemplação do Divino parece ser tão completa que um pequeno ímpeto o levaria a um profundo êxtase. Uma vez, o menino, Gadadhar (o primeiro nome de Sri Ramakrishna), estava acompanhando algumas senhoras da vila ao templo de *Visalakshi* em *Anur*, uma vila duas milhas ao norte de *Kamarpukur*, cantando as glórias da Deusa, quando ele subitamente ficou imóvel. Lágrimas começaram a fluir de seus olhos e todos os esforços das senhoras para trazê-lo de volta ao estado normal foram em vão, até que finalmente uma senhora piedosa no grupo sugeriu que elas pronunciassem o nome da Deusa. Isso teve o efeito desejado. Outra vez foi quando ele interpretou o papel de Shiva, em uma performance dramática em uma noite de *Sivaratri* em sua vila, que ele se fundiu na identidade de Shiva. Com as tranças emaranhadas, a pele de tigre e o tridente, ele parecia tão encantador que a assembleia o aplaudiu. Mas ele estava absorto no pensamento de Deus. Quem ouviria e quem atuaria? Ele não recuperou o estado normal novamente naquela noite, apesar de seus melhores esforços.

A tempestade da consciência de Deus que havia se apoderado de Sri Ramakrishna e estava soprando sem diminuir em sua infância, aumentou em sua força e se tornou um tornado quando ele entrou no Templo de Kali em Dakshineswar como Seu sacerdote. Lá estava Ela, a Divina Mãe, e ele, Seu filho, estava lá para verificar a verdade de Sua existência. Ele orou a Ela, suplicou a Ela, chorou, jejuou e passou noites chamando por Ela para mostrar-Se a ele. Que agonia, que angústia ele passou, nunca podemos saber. Um pequeno vislumbre disso podemos obter da descrição que ele mesmo deu. Ele disse: 'Eu senti como se alguém estivesse torcendo meu coração e mente, assim como fazem para espremer a água de uma toalha molhada.' Incapaz, finalmente, de suportar a agonia, ele desejou acabar com sua vida. Foi então que a Divina Mãe lhe deu a primeira visão. Que visão foi! Ele sentiu como se estivesse sendo envolvido nas ondas crescentes de um oceano de luz infinita, e caiu inconsciente.

Mesmo após esta visão, o desejo de Sri Ramakrishna de estar em Sua presença imediata não diminuiu, antes só aumentou. Como uma criança, ele chorou, chamando pela Divina Mãe para conceder-lhe a bênção de Sua visão constante. Ele se contorceu e rolou no chão de dor por estar separado d'Ela. Ouvindo seu choro, as pessoas se juntavam ao seu redor. Mas para ele elas não eram mais reais do que sombras ou eram no máximo meras imagens desenhadas em tela. Em sua extrema agonia, ele perdia a consciência externa e naquele estado era mais do que compensado pela presença abençoada da Divina Mãe em seu Ser interior. Naquele tempo, Ela o consolava e o ensinava de infinitas maneiras.

Em um período, por seis anos seguidos, ele não teve sono. Ele não podia piscar os olhos. Eles haviam perdido o poder de fazê-lo, por causa de seu extraordinário anseio pela visão ininterrupta da Divina Mãe. O próprio Sri Ramakrishna ficou petrificado com este fenômeno. Para citar suas próprias palavras: ‘Eu não podia fechar os olhos apesar de meus esforços. Eu não tinha ideia da passagem do tempo e não estava nem um pouco consciente do corpo. Quando os olhos se voltavam da Mãe para o corpo, mesmo um pouco, eu me sentia apreensivo, eu me perguntava: “Eu não estou à beira da insanidade?” Eu fiquei em frente ao espelho e coloquei meu dedo em meus olhos para ver se as pálpebras fechavam. Eu descobri que elas eram incapazes de piscar mesmo assim; eu fiquei alarmado e chorei e disse à Mãe: “Mãe, este é o resultado de chamar por Ti? Este é o resultado da minha absoluta confiança em Ti que Tu deste esta terrível doença a este corpo”. E no momento seguinte eu disse: “Deixe qualquer coisa acontecer a este. Deixe o corpo ir se for para fazê-lo; mas veja, Mãe, que Tu não me abandones. Revela-Te a mim e concede Tua graça a mim.”’

Talvez o único paralelo próximo a este tipo de amor por Deus possamos encontrar no amor das *Gopis* de *Vrindavan* por Sri Krishna. O *Bhagavata* diz sobre elas: ‘Seus corações entregues a Ele, elas falavam apenas d’Ele; elas imitavam Suas atividades brincalhonas; elas se identificavam com Ele; elas cantavam Seus excelentes atributos; elas não pensavam em seus lares.’⁶ Sri Krishna diz delas a Uddhava: ‘Através do profundo anseio por Mim, os pensamentos das *Gopis* estavam firmemente fixos em Mim e, portanto, elas não estavam conscientes de seus corpos, ou do que estava longe ou perto, assim como os sábios absorvidos em contemplação, ou como os rios que entraram no mar perdendo seus nomes e formas distintivos.’⁷

Podemos aprender um pouco mais do amor desmedido de Sri Ramakrishna por Deus se considerarmos mais um ou dois incidentes de sua vida. Uma vez, Sri Ramakrishna foi a *Benares*, a cidade sagrada dos hindus, com Mathur Babu, proprietário do Templo de Kali e genro de Rani Rasmani. Mathur era um homem mundano, e muitos tipos de pessoas vinham até ele, havendo conversas sobre todos os tipos de assuntos. Para Sri Ramakrishna, a atmosfera da casa tornou-se insuportável. Ele disse à Divina Mãe em um tom de queixa, ‘Mãe, para onde Tu me trouxeste? Eu estava muito melhor em Dakshineswar. Aqui estou em um lugar onde devo ouvir sobre ‘mulher e ouro’. Mas em Dakshineswar eu podia evitar isso.’

Novamente, quando os devotos começaram a vir a ele em grande número, ele notou que a maioria deles era como uma medida de leite misturada com três ou quatro medidas de água — tão diluídos, tão mornos em seu amor por Deus. Ele clamou em desespero: “Mãe, traga alguns devotos de alma pura. Eu morrerei na companhia de pessoas mundanas.” Tal era sua condição. Mesmo uma pequena conversa sobre

⁶ *Bhagavata* X. 30. 44.

⁷ *Ibid.*, XI. 12. 12.

qualquer coisa que não fosse Deus o magoava profundamente. Narada, em seus *Bhakti Sutras*, fala dessa atitude como *ananyata* ou unificação com Deus, que vem do abandono de todo outro apoio.⁸ Ele descreve tal *Bhakti* como: ‘A consagração de todas as atividades pela rendição completa a Ele e uma angústia extrema se Ele fosse esquecido.’⁹ Os *Upanishads* também falam em um tom semelhante. O *Mundaka Upanishad* diz: “Conhece apenas Aquele, o *Ātman*; abandona todas as outras conversas. Esta é a ponte para a Imortalidade.”¹⁰ O que podemos entender sobre tudo isso? Tente, mesmo por um único dia, praticar essa injunção do *Upanishad*, e você verá quão difícil é — parece quase impossível. Mas, à luz da vida de Sri Ramakrishna, que permanece como a prova irrefutável dos ensinamentos dos *Upanishads*, todas essas verdades das escrituras adquirem um novo significado; elas recebem, por assim dizer, um novo sopro de vida. É por isso que Swami Vivekananda disse: “A vida de Sri Ramakrishna foi um holofote extraordinário sob cuja luz se pode realmente entender todo o escopo da religião hindu. Ele foi a lição objetiva de todo o conhecimento teórico dado nos *Shastras*. Ele mostrou por sua vida o que os *Rishis* e Avatares realmente queriam ensinar... Sem estudar Sri Ramakrishna primeiro, nunca se pode entender o verdadeiro significado dos *Vedas*, do *Vedanta*, do *Bhagavata* e de outros *Puranas*.”

Quanto à entrega, que é mencionada nos *Bhakti Shastras*, Sri Ramakrishna tinha uma abundância dela. Suas visões, os tesouros de suas práticas irrestritas e vida imaculada, foram inicialmente duvidadas por Swami Vivekananda. Sri Ramakrishna, como uma criança, aproximou-se da Divina Mãe e perguntou de modo comovido, ‘Mãe, por acaso, vendo-me ignorante, Tu me enganas?’ Mas quando a Mãe o assegurou de que suas visões eram todas verdadeiras e que Narendra (Vivekananda) logo as aceitaria, ele ficou encantado. Quando Hazra, um devoto de disposição perversa que vivia no jardim do templo de Dakshineswar, repreendeu Sri Ramakrishna por seu apego aos jovens devotos, ele ficou verdadeiramente perturbado. Ele orou à Divina Mãe por orientação. Referindo-se a isso, Sri Ramakrishna diz: “Eu disse à Divina Mãe: ‘Mãe, Hazra me repreende por me preocupar com Narendra e os outros rapazes. Ele me pergunta por que eu esqueço de Deus e penso nesses jovens’ Mal esse pensamento surgiu em minha mente, a Divina Mãe me revelou num lampejo que é Ela mesma quem se tornou o homem. Mas Ela se manifestou mais claramente através de uma alma pura.”

Sem mencionar as várias maneiras pelas quais ele desfrutou da realização do Supremo, não seríamos capazes de ter uma ideia de seu amor consumidor por Deus. Ele praticou os modos tântrico, vaishnava e vedântico de aproximação da Divindade.

⁸ N.B.S, 10.

⁹ N.B.S, 19.

¹⁰ Mundaka 2. 2. 5. ·

E quando terminou toda a gama das práticas espirituais hindus e realizou o objetivo de todos esses vários caminhos, ele quis saber como os muçulmanos oravam a Deus. Mal esse pensamento cruzou sua mente, um *fakir* muçulmano veio ao jardim do templo, e Sri Ramakrishna aprendeu com ele o modo islâmico de aproximação da Realidade e também realizou o Supremo por esse caminho. Ele então contemplou Jesus e teve Sua visão também. Por fim, ele chegou à conclusão definitiva de que as muitas visões eram tantos caminhos para uma única Realidade, sustentando, por assim dizer, a declaração dos mais antigos *Rishis* da Índia: ‘A Verdade é uma, os sábios A chamam por vários nomes.’ [*Rig Veda*] Ele costumava dizer, ‘Por que eu deveria ser como um instrumento de uma única corda? Eu desfruto da presença de Deus de muitas maneiras. Quando fui iniciado nas disciplinas vedânticas, eu roguei à Mãe: ‘Mãe, não me faça um vedantista seco.’”

Citamos alguns incidentes da vida de Sri Ramakrishna para mostrar como, em tudo, ele estava consciente do Supremo. Isso, no entanto, não teria ajudado o mundo se ele mesmo não tivesse praticado disciplinas espirituais e enfatizado sua necessidade; se ele não tivesse mostrado como atingir a Consciência de Deus.

As pessoas falam levianamente do guru: que o sistema de guru e *shishya* é um resquício da superstição do passado; que a vida espiritual é possível sem qualquer ajuda externa. Sri Ramakrishna, por outro lado, tomou o auxílio de muitos preceptores, mesmo depois de escalar os picos espirituais, para afirmar a importância do guru. Suas orientações sobre a necessidade de um guru na vida espiritual são inequívocas. Vamos ouvir o que ele diz: “Deve-se receber instrução de seu guru. Se um homem é iniciado por um guru humano, ele não alcançará nada se considerar seu guru como um mero homem. O guru deve ser considerado como a manifestação direta de Deus. Só então o discípulo pode ter fé no *Mantra* dado pelo guru.”

“Um *sadhaka* tem que romper os oito grilhões que prendem o homem a esta terra se quiser ganhar a graça da Mãe”, disse Sri Ramakrishna a seu sobrinho e atendente, Hriday, no início de sua *sadhana* em Dakshineswar. Naquela época, Sri Ramakrishna passava as noites nos bosques do jardim do templo, meditando no Divino. Ele costumava tirar seu cordão sagrado, o símbolo do bramanismo, e sentar-se para meditar. Hriday, que o seguiu uma noite para ver o que ele fazia ali à meia-noite, ficou escandalizado com esse comportamento de seu tio. Ele aproximou-se de Sri Ramakrishna e o repreendeu por seu ato sacrílego. Foi então que o Mestre lhe disse que a vergonha em repetir o nome de Deus, o orgulho de nascimento, o desprezo pelos outros, o medo e coisas semelhantes eram os impedimentos no caminho da aproximação de Deus. Aqui, Sri Ramakrishna nos dá uma lição prática sobre o caminho para a Consciência de Deus. Como todos os grandes preceptores, Sri Ramakrishna também enfatizou a importância de manter a companhia dos santos. Em

seus ditos e conversas, até o menor dentre nós pode encontrar algumas dicas práticas para nosso aprimoramento espiritual — e essa é a beleza das palavras de Sri Ramakrishna: as verdades abstratas são trazidas para nós na linguagem mais simples e nas parábolas mais caseiras.

Em um mundo cheio da escuridão da consciência material, Sri Ramakrishna veio com seu grupo seleta de discípulos para reintroduzir a luz da Consciência de Deus; para ser como um farol e revigorar a humanidade espiritualmente.

• • • •